

César e Sara Botella

irrepresentável

MAIS ALÉM DA REPRESENTAÇÃO



Sociedade de Psicologia
do Rio Grande do Sul



Porto Alegre / RS
2002

BIBLIOTECA
DO IEPSP

Coordenação editorial Rosana Nora e Cláudia Perrone
Tradução dos originais franceses Maria Elisabeth Schneider: introdução,
capítulos I, III e V; Patrícia Ramos: capítulos
II, IV e VI; Vanise Dresch: capítulos VII, VIII e IX
Revisão final das traduções Vanise Dresch
Revisão Vinícius Figueira
Revisão final Viviane de Freitas
Revisão técnica Cláudia Perrone
Capa e projeto gráfico Tatiana Sperhacke
Ilustrações Tatiana Sperhacke
Editoração eletrônica Marta Castilhos
Fotolitos Pallotti
Impressão Pallotti

B748i Botella, César
Irrepresentável : mais além da representação / César Botella e
Sara Botella ; tradução de Maria Elizabeth Judice do Nascimento
Schneider, Patrícia Chittoni Ramos e Vanise Dresch. – Porto Alegre :
Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul : Criação Humana, 2002.
243 p.

Tradução de originais franceses.

ISBN 85-880-2205-2

1. Psicologia 2. Psicanálise 3. Psiquiatria 4. Psicoterapia
5. Traumas (Psicologia) I. Botella, Sara II. Título

CDD 616.8917
CDU 159.9

Bibliotecária Responsável: Salete Maria Sartori CRB 10/1363

Reservados todos os direitos de publicação, total ou parcial, pela
EDITORA CRIAÇÃO HUMANA LTDA.
Rua Mostardeiro, 157/1006
fone: (51) 3346.5795 fax: (51) 3211.2242
PORTO ALEGRE – RS
criacaohumana@uol.com.br

PRINTED IN BRAZIL

irrepre- sentável

INTRODUÇÃO

QUAL PSICANÁLISE PARA O SÉCULO XXI?

Este livro é uma coletânea de artigos selecionados com um duplo objetivo. O primeiro é o de apresentar ao leitor nosso itinerário psicanalítico, o percurso de uma pesquisa iniciada há vinte anos, muito próximo da prática analítica, e no decorrer do qual surgiram progressivamente novas perspectivas teóricas. Ao mesmo tempo, esse itinerário revela o segundo objetivo do livro, o de admitir que a teoria analítica atravessa uma crise. Não no sentido de questionar seu fundamento, longe disso; muito pelo contrário, é na atual investigação de seus fundamentos que um novo impulso surge. Essa crise é a de uma psicanálise até então centrada no estudo da neurose, uma concepção baseada essencialmente numa teoria da representação, portanto nas causalidades espaço-temporais cujos limites se conhecem hoje; uma concepção que não permite compreender toda a extensão e a complexidade do psiquismo. Já pressentidos por Freud, tais limites têm sido destacados há alguns anos, pelos teóricos, a partir da escuta de pacientes *borderline*, nos quais o psiquismo parece responder a modelos que incluem o não-representativo, o fora do espaço-tempo. Na verdade, representação e passado, esses dois pilares da teoria clássica, embora centrais em algumas áreas, revelam-se, em outras, insuficientes para explicar as problemáticas fundamentais.

Em vez de falar de crise da psicanálise, seria mais correto falar do momento evolutivo atual como seguimento natural do que já estava inscrito no pensamento da teoria psicanalítica, desde seus primeiros esboços. Nesse sentido, e para melhor compreender a evolução de nossa disciplina, parece-nos de grande utilidade situar o pensamento de Freud, tanto em seu início quanto em seus avanços mais importantes, em relação às descobertas de seu tempo. A psicanálise surge no contexto científico e cultural do fim do século XIX, fazendo parte da

evolução do pensamento do homem, marcando-a profundamente, ao mesmo tempo que por ela é marcada.

Somos os filhos de uma reviravolta que aconteceu em vinte anos, na passagem dos séculos XIX e XX:

1890 – Ramon y Cajal lança uma hipótese de que o cérebro é composto de células individuais separadas umas das outras, não sendo um sistema reticular tal como Golgi acreditava ser.

1891 – Stoney introduz a noção de elétrons, considerando-os unicamente uma carga transportada por íons.

1895 – 21 de dezembro de – Primeira projeção do “cinematógrafo”. Essa invenção sem futuro – segundo a opinião dos próprios irmãos Lumière –, juntamente com o telefone, o avião e o automóvel e, mais tarde, a televisão, terá um impacto que modificará no homem a relação com o tempo e com o espaço, com a escrita e com a imagem, com a palavra e com o objeto.

1896 – H. Becquerel descobre a radioatividade.

1897 – J. J. Thompson, ao determinar a massa e a carga do elétron, foi levado a postular que na realidade este último era uma nova forma de matéria.

1897 – 21 de setembro de – Freud escreve a Fliess esta frase, seguidamente citada, abrindo as portas para a psicanálise: *Eu não acredito mais na minha Neurótica*. A partir desse momento, o fato real, o trauma, será considerado de outra forma. Sua força desorganizadora não deve ser mais compreendida unicamente em função de um quantitativo inerente à realidade do fato, porque ela só pode sê-lo verdadeiramente na relação do fato com a conflitualidade psíquica do sujeito, com sua infância, com a amnésia infantil e, portanto, com o recalque.

1900 – Acontece a publicação de *A Interpretação de sonhos*, concretizando a primeira das grandes mutações científicas que caracterizam o nosso século: o psiquismo é compreendido através das diferentes temporalidades que habitam os diferentes sistemas,

na articulação conflituosa entre um sistema, o inconsciente – efervescente de desejos originados no passado, na sexualidade infantil, e caracterizado por uma atemporalidade –, e outro, o pré-consciente-consciente – em que reinam os processos secundários, o pensamento determinado pela têmporo-espacialidade. É a terceira ferida infligida ao narcisismo do homem: depois daquelas provocadas pelas descobertas de Copérnico – o homem não é mais o centro do universo – e de Darwin – o homem também não é mais a razão do ser vivo –, eis a provocada por Freud: o homem não é mais senhor em sua própria casa.

1905 – Durante esse ano, Einstein descobre a relatividade restrita (seguir-se-á a dualidade onda-partícula), e Schoenberg compõe seu *Primeiro quarteto* para cordas, concepção atonal da música que ele confirmará em 1911 com seu *Tratado de harmonia*: a gama musical não está mais limitada às 7 notas musicais clássicas, o dodecafonismo nasce.

1907 – Picasso pinta *As senhoritas de Avignon*, cujo inacabamento reforça o sentimento de atualidade permanente, de revolução ainda em curso: ruptura com a figuração tradicional, destruição da perspectiva e da representação realista do sujeito. Mais uma vez se tem um fora do espaço-tempo.

Acrescentemos a tudo isso a invasão de obras literárias e de trabalhos de alguns filósofos, impressionantes pelo número e pela proximidade no tempo. Citemos rapidamente, de um lado, a obra de Kafka e a de Musil, com *O homem sem qualidades*, ou como diz o próprio autor, o conjunto das “qualidades sem homem”. De outro lado, surgem obras igualmente importantes cuja preocupação comum é a relação com o tempo: Joyce, Beckett e Proust, com Bergson e Heidegger no universo da filosofia. Em Joyce, sem dúvida influenciado pela convivência com o dadaísmo durante a Primeira Guerra Mundial, vê-se a tentativa de um “pensamento espontâneo, forma fraturada, inacabada, quase sem gramática”, por associação de idéias em que “os apelos de memória introduzem-se num presente denso”. Não é o caso da obra de Proust, *Em busca do tempo perdido*, que se apresenta como “uma busca em que a memória tem o papel de reconciliar o sujeito consigo mesmo e o mundo, num apaziguamento do tempo reencontrado. A

felicidade nasce”. Em contrapartida, Beckett, na esteira de Joyce, é sucinto: “Um dia equivale a uma vida ou a um minuto. Um tempo indistinto sob o signo da repetição. Nada se perde, mas muito pouco se transforma de uma hora, de um dia, de uma vida à outra”. Bergson, igualmente preocupado em compreender o tempo, acrescenta a tudo isso suas hipóteses relativas à ligação matéria (cérebro) e pensamento. Então, em 1927, acontece a publicação de *Ser e tempo*, de Heidegger.

Assim, esse começo de século abala as certezas do homem, tanto aquelas que vêm do exterior pelos órgãos dos sentidos, pelas percepções auditivas e visuais, quanto aquelas mais íntimas, concernentes ao seu próprio pensamento. Qualquer que seja a natureza da disciplina, certos questionamentos impuseram-se progressivamente. Tornados explícitos e primordiais, eles se instalam no centro dos desenvolvimentos teóricos atuais, trabalham a disciplina do interior, sendo ela “dura” ou “mole”, ciências do homem ou da natureza. Linha do horizonte, essas interrogações, como vimos, dizem respeito, antes de mais nada, ao espaço-tempo, à matéria-pensamento ou, ainda, a um conjunto espaço-matéria/tempo-pensamento que faz pressentir o papel determinante atribuído à noção de simultaneidade no seio das formulações futuras.

As ciências duras encontram-se confrontadas a um fora do espaço-tempo sob a forma do infinitamente grande da astrofísica ou do infinitamente pequeno e a dualidade onda-partícula da mecânica quântica. De certo modo, o mesmo ocorre no que diz respeito às noções de auto-organização e de propriedade emergente, nas ciências do ser vivo e em neurociências. As ciências moles definem-se pela abordagem de domínios de uma complexidade tão grande que o método científico, mesmo no sentido moderno do termo, fica por natureza inoperante. O fenômeno da hipercomplexidade reforça a impossibilidade de reproduzir a experiência, de aplicar uma casualidade linear. No que diz respeito à psicanálise, seu estatuto é particular; faz parte das ciências moles, exceto se, de fato, a repetição da experiência, no sentido científico habitual, não estiver ao seu alcance; em contrapartida, a sessão de análise, com a constância dos dados que a caracteriza, faz com que certas características próprias às ciências “duras” façam parte de sua natureza. Um editorial recente de uma revista tão prestigiosa quanto a *La Recherche* sugeria que, com os novos avanços de nossos conhecimentos, a distinção entre ciências duras e ciências

moles, antigamente tão determinante, está atualmente desaparecendo; ambas estão igualmente confrontadas a uma mesma dificuldade: a de pensar sobre os temas que se afastam das causalidades espaço-temporais. O próprio conceito de ciência, da maneira como é concebido em termos de conteúdo e de território determinados, está, hoje, sujeito à discussão.

Hoje, em 1997 (cem anos depois desse começo de século tão fabuloso e inesperado), quando pensamos na grande certeza do homem imbuído das concepções positivistas do século XIX, as quais o faziam exclamar com orgulho “Deus está morto!”, as mutações científicas desencadeiam uma tal abertura aos mistérios da natureza que um efeito paradoxal se produz, e a grande certeza dos cientistas se dissipa em benefício de uma tendência a explicações que transcendem o homem – Deus está de volta. Então, às vésperas do terceiro milênio (mas datando assim os conhecimentos do homem não estaríamos nós fazendo injúrias à Antiguidade?), o homem, frente às suas descobertas, que, na verdade, aumentam a consciência que tem da amplitude de sua ignorância, de sua impotência diante da natureza, assim como diante dele mesmo, poderia evitar ser superado? Estaria condenado a um fim religioso? Teria ainda uma chance de conceber causalidades da dimensão fora do espaço-tempo que não envolvem a idéia de Deus, que envolvem somente o homem?

A revolução copernicana deveria inevitavelmente conduzir, passando pelo heliocentrismo, ao descentrar do mundo e, mais amplamente, à noção da ausência de qualquer centro no seio do universo. Isso teria produzido, como por um efeito de contragolpe, o renascimento da religiosidade, recentrando o universo em torno do homem, recentrar que se dá em torno da idéia de Deus. Mas é preciso que a volta ao homem seja necessariamente religiosa? Não cabe ao psicanalista responder a essa questão. Entretanto, ele pode conceber a salvação do homem, também num retorno, mas menos num sentido homocêntrico e narcisista que o retorno ao reencontro do universal no homem, enquanto parte constituinte da natureza, enquanto possuidor de consciência e de seu bem mais precioso: a inteligência. Um retorno ao homem que deve ser feito no sentido de melhor levar em consideração o papel do ato do pensamento em si, dos limites inerentes à sua natureza ou aos sistemas de representações verbais – graças aos quais o pensamento pode ter acesso à consciência, e que são intimamente dependentes da

têmporo-espacialidade e das causalidades lineares que decorrem daqueles limites. O homem deve tornar-se capaz de confrontar, de avaliar a incapacidade do pensamento verbal, por sua própria estrutura, para conceitualizar os domínios do conhecimento que se encontram fora da têmporo-espacialidade; deve mostrar a influência decisiva dos limites do representacional-verbal sobre o próprio conteúdo do pensamento, limites que as palavras impõem ao conhecimento.

Por mais importante que isso seja, nosso exame não se quer contentar em revelar, ou mesmo denunciar, os limites do representacional, devido ao seu enclausuramento na têmporo-espacialidade. Por isso, deseja aventurar-se num estudo do que se pode chamar de “apresentações” do conhecimento. Adiantamos que a noção de “apresentação” implica a percepção pelo “órgão da consciência” (Freud), uma endopercepção, um estudo processual capaz de “apresentar” à consciência, sob forma de uma figurabilidade, aquilo que, numa primeira abordagem, não se pode fazer por intermédio das representações verbais. A partir disso, nós podemos avaliar o quanto a psicanálise está envolvida. Com o seu lugar privilegiado nesse domínio, ela deve assumir um compromisso para explorar esses novos terrenos.

Concentramos nossos esforços nessa questão a partir de uma pesquisa unicamente psicanalítica. Era sempre nos momentos difíceis com um paciente que em nós se desencadeava uma figurabilidade, ou que uma inteligibilidade além das palavras se impunha, que sofríamos mais do que conduzíamos. O leitor perceberá, ao ler estes textos, graças à apresentação cronológica dos mesmos que foi *grosso modo* respeitada, que logo fomos tocados pelo problema da figurabilidade psíquica, pelo que ela podia contribuir no funcionamento psíquico para a superação dos momentos traumáticos.

Para nossa surpresa, observamos então que a teoria analítica pouco se tinha ocupado do campo da figurabilidade, embora este fosse tão determinante para a compreensão do funcionamento psíquico; tanto mais por ser inseparável daquilo que está aquém ou além da representação. Parecia-nos correto designar esse território da psique utilizando-nos do termo não-representação, esperando que a conotação negativa fizesse compreender que a noção de irrepresentável era insuficiente para dar conta da qualidade traumática que desperta quando o representacional vem a falhar.

No nível da prática, rapidamente compreendemos que, para ter acesso a esse universo, o único meio possível estava na capacidade do analista de abandonar em alguns momentos o universo da representação. Graças a uma regressão formal do pensamento, num apagamento do representacional, o psiquismo do analista abre-se ao alucinatório e surge, assim, zonas do psiquismo do analisado inatingíveis de outro modo: a dos traumas que não puderam ser representados.

As noções de alucinatório e de figurabilidade, devido à estreita relação de ambas com a noção de percepção, abriram o caminho a um estudo da percepção do ponto de vista da metapsicologia psicanalítica. Ao mesmo tempo, uma revisão da concepção freudiana da prova de realidade tornava-se inevitável, pois percebia-se que a referida prova era considerada por Freud, de uma maneira extremamente elementar, o simples resultado de um exercício efetuado pelos órgãos do sentido. Ora, somente a partir das noções de pulsão e de investimento de objeto é que uma concepção verdadeiramente analítica da prova de realidade pode ser estabelecida. Foi através de uma formulação contraditória que tentamos tornar inteligível, no nível de nosso pensamento secundário, aquilo que estrutura a prova de realidade: o duplo investimento, endopsíquico e/ou pelos órgãos dos sentidos, de uma representação de objeto, suposta no interior, e de sua percepção, sentida no exterior. A formulação paradoxal pode ser assim enunciada: o objeto (a realidade) está "Somente dentro – também fora". A continuidade de um percurso, em vez das discontinuidades (fora-dentro e representação-percepção), daria mais conta da complexidade de articulação que existe entre o psiquismo e o mundo dito externo.

Acrescenta-se a isso a dificuldade maior na qual se encontra o psiquismo confrontado permanentemente a uma série de elementos heterogêneos de origem diferente, uma situação em que a simultaneidade reina, e que ele deve transformar em um só elemento homogêneo mediante a criação de um novo sentido ordenador do conjunto. O melhor exemplo é o trabalho do sonho em que há transformação em conteúdo manifesto de elementos muito diferentes que cercam, em um dado momento, o psiquismo – desejo infantil recalcado, restos diurnos, traços mnésicos, percepções atuais que correm o risco de provocar o despertar. É por essa razão que chegamos à conclusão que existe no psiquismo um princípio de convergência-coerência cuja função é de organizar um sentido, de ligar, sem verdadeiramente

o princípio do prazer
de um lado
e o princípio da realidade
de outro

se preocupar com a legitimidade do sentido produzido-criado, de tal forma que é vital para a sobrevivência psíquica estabelecer ligações. Ele governa o psiquismo assim como o princípio do prazer. Se acreditarmos na idéia que Freud expressa em *Além do princípio de prazer*, de que a “ligação é um ato preparatório que introduz e assegura a dominação do princípio de prazer”, poderemos pensar que o princípio de convergência-coerência precede este último; de qualquer maneira, os dois princípios são extremamente interdependentes na sexualidade infantil.

Em suma, qual psicanálise para o século XXI? A psicanálise apoiou-se até agora numa teoria da representação. Desse ponto de vista, daquilo com que ela podia contribuir, ela já deu praticamente tudo. O novo desafio da teoria analítica parece ser agora o do estudo de um além da representação, o de um melhor conhecimento do alucinatório e dos processos irreversíveis.

Esperamos que os textos apresentados neste livro dêem conta, de maneira detalhada, desse itinerário que nos pareceu útil esboçar em grandes linhas. Para a maioria dos capítulos, optamos pela apresentação numa ordem cronológica, a fim de que o leitor possa evoluir no ritmo das dificuldades que encontramos; fizemos isso tendo em mente a idéia de que, assim, ele estará mais bem equipado para formar uma opinião sobre os conceitos que nosso método nos levou a destacar ou até criar, tomando o cuidado para que eles sejam compatíveis com a metapsicologia e a teoria da prática. Pedimos desculpas por algumas repetições e complexidades, inevitáveis numa apresentação das hesitações e dúvidas que nos acompanharam em nosso itinerário.